

Percurso do leitor, n.4.

Ninguém mais ouviu falar dele. Tampouco havia quem se interessasse pelo seu paradeiro a ponto de investigar que fim teria levado. Encontraram suas roupas de hospiciado esparramadas no chão do banheiro e o basculante quebrado. Como foi que seu corpo pesado conseguiu passar por um buraco tão pequeno ainda é um mistério. O andar era relativamente alto. Teria morrido? Não se sabe. Não houve quem encontrasse dele nenhum vestígio, fora o seu diário. Os médicos tentaram perguntar às mulheres do pátio, último lugar onde havia sido visto, se sabiam de seu paradeiro, mas estas, como de costume, nada responderam.

Rio, 12 de março de 2008.

Estou exausta. Sinto que as forças começam a ir embora. Fadiga. Minha cabeça não é mais capaz de ver seqüência nem nas palavras, nem nas coisas, os pensamentos surgindo como fagulhas rápidas que logo se esvaem. Sinto que preciso ir embora, mesmo que esteja tão apegada. Eu não consigo ir mais adiante, mas agora não me resta alternativa. Eu não pertencço mais a este lugar. Como é possível? Dois anos o construindo e agora sou expulsa. Nada a fazer, nada a contestar, vc não tem mais nenhuma colaboração a dar, melhor ir descansar. Não que eu não queira. Não que não seja o que eu mais quero no momento. Mas como pode ser que, mesmo que eu não quisesse, seria dessa maneira? Não adianta enrolar mais, quanto mais você escreve mais se aproxima da última frase. Melhor terminar com reticências...

Ponto de Partida

Imaginemos a cena: uma pessoa entra em um sebo no centro da cidade e descobre, em uma de suas estantes empoeiradas, um livro de que já ouviu falar, sem se lembrar exatamente de onde: *Hospício é Deus-Diário I* de Maura Lopes Cançado. Antes de ingressar na narrativa depara-se com o prefácio escrito pelo poeta Reynaldo Jardim e se assusta com a ameaça em tom lírico, que sobre ele é lançada:

“No fundo, em verdade, vos digo, o que se houve é um pungente pedido de socorro de quem não estando em perigo não pode ser atendido. O melhor para continuar dormindo tranquilamente é não virar a página. Mais que um prefácio, isto é uma advertência: este é um livro perigoso, feito para comprometer irremediavelmente a sua consciência” (Apud, Cançado, 1992, p.9).

O leitor desconhecido resolve que não está interessado em perder as poucas noites de sono, em que consegue abstrair dos acontecimentos do dia e sonhar, e devolve o livro à estante, onde este permaneceria, não sabemos ainda por mais quanto tempo, até ser escolhido por outras mãos anônimas, que talvez lhe confirmem o mesmo destino.

Mas supondo que não seja isso que aconteça. Que alguém menos cauteloso, ou menos impressionável, resolva ignorar a advertência de Reynaldo Jardim. O que aconteceria?

Agora já não é mais possível responder a esta pergunta. Chegou-se aqui ao final de um processo. É importante que este final, no entanto, seja apenas *um* final e não *o* final. Se nesta conclusão fecharem-se todas as portas, se não se deixar pelo menos uma aberta, de nada terá servido todo o esforço para abri-las.

A idéia inicial desta dissertação era tentar, a partir da leitura da obra de Maura Lopes Cançado, pensar em estratégias de fuga de uma atmosfera de clausura que extrapolavam os limites da sua escrita. A sensação de claustrofobia que emergiu deste encontro parecia estranhamente atual. A impressão de que já não havia saídas, ou formas de resistência para o movimento de captura do desejo e da subjetividade, através das novas formas de dominação da vida, por parte do capitalismo contemporâneo, parecia estranhamente familiar à realidade amorfa do hospício descrito por Maura. Nos dois casos o que se via era uma sujeição

interiorizada ao modelo de identidade, “homem branco, ocidental” para utilizar a expressão de Deleuze e Guattari, e os efeitos desastrosos que o não enquadramento neste padrão poderiam acarretar.

O “hospício-deus” da escrita de Maura Lopes Cançado se afigurava como uma espécie de prisão menos palpável e por isso mais difícil de escapar. Menos um edifício de paredes de concreto e mais uma atmosfera, um sopro, uma redoma de vidro invisível. Como fugir a isso? Se Maura não dá as respostas, exige do leitor que não desista de querer encontrá-las. A passagem do conto *o Espelho Morto* repetida muitas vezes durante esta dissertação⁴⁰ foi o mote para que não se escrevesse um trabalho cuja a pretensão seria a de interpretar esta escrita, fosse a partir de uma perspectiva biográfica e psicologizante, fosse a partir de uma literatura de testemunho pertencente a determinado período histórico: *Literatura não é documento* lembrando da expressão de Ana Cristina César.

Isso não quer dizer, entretanto, que esta perspectiva de autobiografia e de testemunho não estejam presentes na obra. No entanto, o que se exige aqui é a presença de um leitor cujo corpo que receberá essas palavras não esteja afastado e protegido também por uma barreira que o separe da experiência presente na escrita. A urgência por não terminar sufocada nessa atmosfera de clausura está presente em todo momento na escrita tanto de *Hospício é Deus – Diário I*, quanto de *O Sofredor do Ver*.

Foi importante, portanto, em um primeiro movimento, pensar em formas de leitura de uma escrita de cunho marcadamente autobiográfico, sem terminar por fechá-la na explicação de uma vida anterior a do texto. Encontrar maneiras de fugir aos binarismos que permeavam a interpretação destes escritos como decorrentes da expressão de um sujeito autônomo e auto-centrado: o espelho de narciso.

Ana Cristina César foi, nesse sentido, também comparsa deste projeto de fuga ao romper com as dicotomias existentes entre intimidade e literatura. Não se tratava mais de revelar o íntimo, mas de brincar com ele, mobilizando o desejo do outro. Fazendo-o levantar da confortável cadeira em que realizava a sua leitura e

⁴⁰ “Fugir para mim é encontrar pessoas com as quais possa falar sem que minhas palavras se percam no vácuo, inúteis. Porque vivo sozinha em um mundo cada vez mais estranho, fantástico, monstruoso. Nem que as coisas tenham se modificado tanto. Desde menina este encarceramento me sufoca, minha coragem foi sempre formada do desejo de evasão, o desespero de fuga deu-me forças até hoje” (Cançado, 1968, p.37).

ser lançado em um abismo onde não pode mais se reconhecer. Movimento erótico, permeado pela ternura em Ana Cristina, e pela intensidade explícita do grito da loucura em Maura.

Traçar uma realização de causalidade, na obra de Maura Lopes Cançado, é uma proposta atraente, mas ao mesmo tempo irrealizável. A sua própria vida foi marcada por uma quebra da noção de identidade que marca a própria experiência da loucura e do internamento. Os fragmentos de biografia encontrados, seja em passagens do diário, seja nos depoimentos dos amigos, adquirem um tom ainda mais ficcional e fabuloso do que a sua própria escrita. Histórias mirabolantes, manias de perseguição, mentiras deslavadas, umas divertidas outras perigosas, fazem do convívio com Maura uma aventura por vezes bastante perigosa. Segundo fala do depoimento de Maria Alice Barroso, relatada no diário, ser amigo de Maura é “como viajar de avião” (“ela acha muito perigoso viajar de avião”, completa Maura).⁴¹

A idéia aqui não era criar uma versão verídica para todos esses impasses. Talvez não houvesse forma mais aprisionante de leitura do que esta. Era preciso voltar mais uma vez à passagem do *Espelho Morto* quando a narradora diz que o encarceramento que a sufoca é justamente a solidão do mundo monstruoso em que vive. A escrita autobiográfica, neste caso então, tem que levar em conta este sujeito que não reconhece mais a sua identidade no espelho, mas figuras fantásticas e estranhas.

Foi preciso pensar em outras relações entre literatura e vida que não àquela marcada pela centralidade do sujeito que escreve e que expressa a sua intimidade no texto. Aqui a interioridade existente é aquela do “hospício-deus” do qual é preciso escapar. Os modos de fuga pensados foram entrevistados a partir da experiência das mulheres do pátio fabuladas na escrita da Maura.

Para estas personagens a catatonia era vista como uma possibilidade de fuga, pois, na ausência total de movimento, as amarras que, de fora submetiam o corpo deixaram de poder interferir. Foi difícil, no entanto, perceber até que ponto esta situação limite se aproximava da morte ou criava novas formas de vida.

⁴¹ “Costumo causar sérios desastres a meus amigos (...) Sebastião de França se viu obrigado a atirar-se ao mar, em Copacabana, sem saber nadar, às oito horas da noite, completamente nu para salvar-me (era domingo) de uma tentativa de não sei bem o quê (nado muito bem), quase morrendo afogado, e em seguida ameaçado de ser preso – por atentado ao pudor público” (Cançado, 1992, p.37).

Questionamento presente no diário e no livro de contos e que não se resolve facilmente. Como em uma realidade de fronteira, os extremos estão tão próximos uns dos outros que é necessário ter prudência e tato para não confundi-los totalmente, ainda que tampouco seja possível separá-los, uma vez que sua vizinhança provoca uma zona de indiscernibilidade.

Porém, fugir não é fácil. A todo o momento existe o risco de sem dar-se conta estar novamente confinado em alguma interpretação totalizadora. Qualquer afirmação já é o ponto final de um processo. Então teria sido melhor o silêncio? Mas em silêncio não haveria como fazer circular essas palavras que não querem se perder no vácuo.

Nesse sentido, foi importante explicitar que trata-se aqui de uma leitura. Do percurso de um leitor que se não é anônimo, pois que assina esta dissertação, tampouco pode ser visto como alguma autoridade capaz de colocar o ponto final nas outras leituras que venham a ser feitas. Este leitor, aqui em jogo, viu na realização deste trabalho uma possibilidade, a partir da leitura da obra de Maura Lopes Cançado, de escapar da atmosfera amorfa e claustrofóbica na qual se sentia imerso.

Para conseguir fugir ele dançou um minueto com Dona Auda e ficou muito tempo parado imóvel como o Sofredor do Ver. Muitas foram as pedras no caminho, certezas minerais sem pulsações que embarreiravam as passagens abertas. Agora, é chegada a hora da partida. Sua história chega ao fim sem esconder um fio de esperança de que estas palavras também não terminem se perdendo no vácuo.